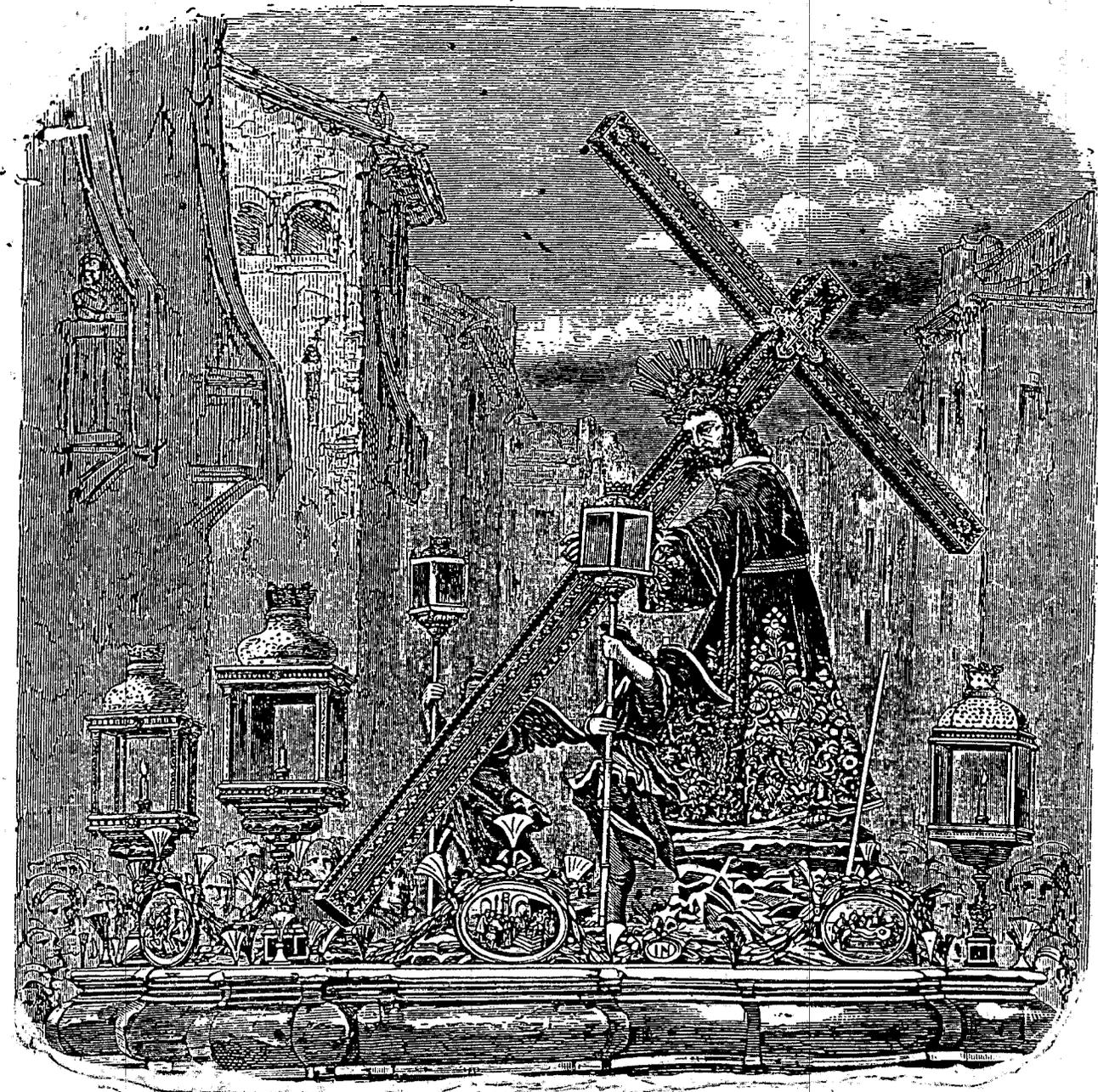


O DESBRAVADOR

ÓRGÃO ESTUDANTIL INDEPENDENTE



CONTEMPLA, MINHA ALMA, O QUE SE PASSA COM TEU SALVADOR; VÊ COMO DE SUAS CHAGAS AINDA FRESCAS; ESCORRE O SANGUE, COMO ESTÁ COROADO DE ESPINHOS E CARREGADO COM A CRUZ, A CADA MOVIMENTO RENOVAM-SE AS DORES DE TODAS AS SUAS CHAGAS, A CRUZ COMEÇA A ATORMENTÁ-LO JÁ ANTES DO TEMPO, PISANDO SEUS OMBROS CHAGADOS E MARTELANDO-LHE OS ESPINHOS DA COROA. Ó DEUS, QUANTAS DORES A CADA PASSO, CONSIDEREMOS TAMBÉM OS SENTIMENTOS DE AMOR COM QUE JESUS VAI SUBINDO O CALVÁRIO, ONDE O ESPERA, MORTE. . Ó MEU JESUS, VÓS IDES MORRER POR NÓS. EU VOS VOLTEI AS COSTAS NO PASSADO E QUERERIA MORRER DE DOR: MAS NO FUTURO NÃO SOU CAPAZ DE ABANDONAR-VOS MAIS, MEU REDENTOR, MEU DEUS, MEU AMOR, MEU TUDO. Ó MARIA, MINHA MÃE, ALCANÇAI-ME A GRAÇA DE LEVAR A MINHA CRUZ COM TODA A PAZ.

Escrevem os leitores

...Após ter lido o artigo das páginas 5, 6, e 7 de "O Desbravador", exemplar nº 13, achei-me no dever de parabenizá-los pelo mesmo, tendo esse trabalho mostrado princípio certo, exatidão, enfim, mostrado a verdade. Reitero a esta redação, com um sentimento de catolicismo, que realmente "O Desbravador" tentará levar a fé e a paz a todos e creio estar conseguindo, fazendo que seus leitores pensem mais em Deus e no Salvador Jesus Cristo e na única Igreja que Ele deixou, ou seja, a Católica...

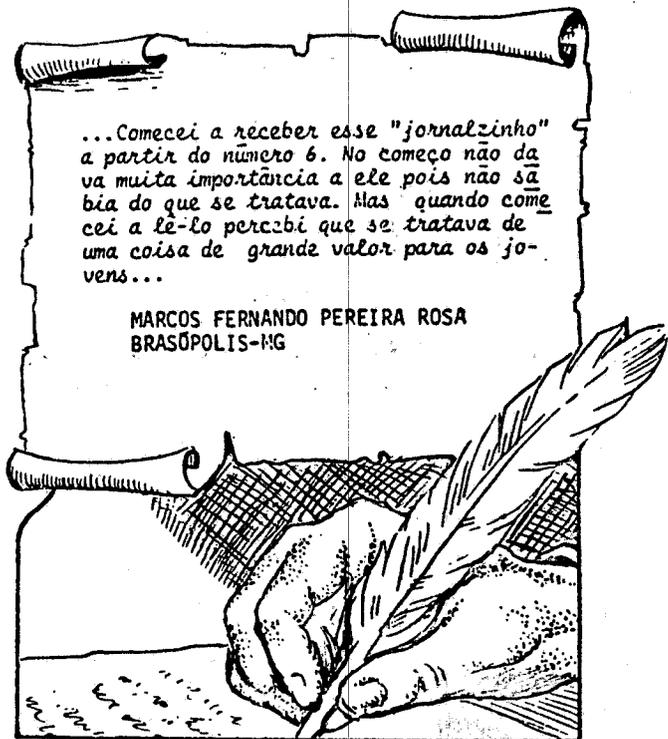
ENIO GIACOMINI DE SALES
IRAPURU-SP

...Os jovens precisam de artigos como esses, para que não se esqueçam que a felicidade está em Deus. É cada geração, que passa o mundo fica mais desligado das coisas do espírito. Foi bom surgir "O Desbravador"...

LUCIMARA LOPES DE OLIVEIRA
POUSO ALEGRE-MG

...Enquanto vocês forem publicando "O Desbravador" mandem para mim...

ALTAIR PACHECO LOPES
ITALVA-RJ



...Com o meu pensamento elevado ao mais alto dos Céus, imploro à Santíssima Virgem Maria, que alcance de Seu Amado Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo todas as graças para que Vv. Ss. possam aumentar a tiragem deste belo jornal...

JOSE FLORES FIUZA
CARDOSO MOREIRA-RJ

...Li "O Desbravador" e gostaria de colecionar essa maravilha...

LUIZ EDUARDO PHILIPPS DA SILVA
BÁLNEÁRIO CAMBORIU-SC

...Eu gostaria de cumprimentar os produtores desta grande obra cristã... No mundo de hoje é difícil encontrar... Pois nos tempos atuais a Religião é quase desprezada pela população, principalmente os jovens... Espero que a Religião Católica seja mais lembrada, e que esteja sempre nos corações de todos...

SEBASTIANA NEVES DE BARROS
VILA NOVA-SP

...Não serei eu que direi o que deve ser escrito no nosso "O Desbravador", mas vai aqui uma sugestão, deixar uma página só para poesia que diferentes leitores mandarem...

EDILSON LIMA DE CARVALHO
TAGUATINGA DO NORTE-DF

...Só agora pude arranjar tempo para lê-lo. Achei magnífico. Gostaria de receber os próximos números...

SUELY TEODORO DO CARMO
PATROCÍNIO PAULISTA-SP

...Gostei muito e é muito importante para nós jovens...

SEBASTIÃO OLAIR P. MELO
BELO HORIZONTE-MG

...Espero que vocês continuem fazendo sucesso. E que acima de tudo continuem confiantes em Deus...

REGINA FERREIRA DE MATOS
SÃO PAULO-SP

Editorial

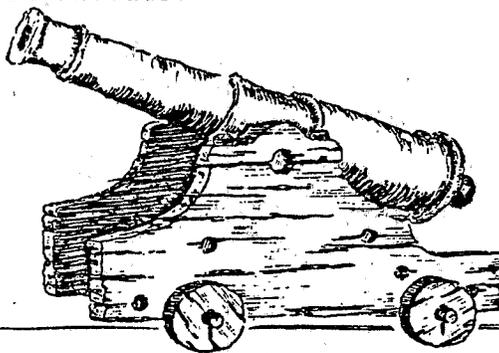
Estamos próximos da Semana Santa. E isto faz com que mais uma vez nos lembremos da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vivemos em um mundo corrompido e corruptor. Um mundo que vive numa inversão total de valores. O que é bom é considerado ruim, ou, pelo menos, desatualizado. O que é mau acaba sendo elogiado.

Em um mundo como é o nosso, poucos se lembram do fato histórico por excelência: a Paixão e Morte de Nosso Senhor. Poucos se lembram do Amor que Ele teve por nós ao morrer a mais ignominiosa das mortes. Poucos se recordam que nós, com os nossos pecados, somos os causadores da Paixão de Cristo num ato de enorme ingratidão de nossa parte.

O nosso objetivo ao tocar nesses pontos neste editorial é recordar aos nossos leitores que temos a obrigação de amar a Deus. temos o dever de levar uma vida correta. Precisamos colocar Deus no centro de nossas vidas.

Depois de tudo que Nosso Senhor sofreu por nós, não é ilícito amá-lo pouco. A medida de amar a Deus, é amá-lo sem medidas e nós esperamos que os nossos leitores serão doravante almas que consolem Nosso Senhor, que aliviem as Dores de Maria Santíssima. Que esta Boa Mãe que tanto chorou e sofreu aos pés da Cruz nos alcance a graça de ter impressas no coração a Paixão de Cristo e as Dores de Maria para com isso jamais deixarmos de amar a Deus, para com isso também vivermos para Deus e um dia possamos amá-lo por toda eternidade.





CONSIDERAÇÕES SOBRE A PAIXÃO

PENSAMENTOS DE SÃO PAULO DA CRUZ

E PRECISO ACEITAR DE BOA VONTADE, COM ESPÍRITO ABERTO E RESOLUTO, A CRUZ DAS CONTRADIÇÕES, ASSIM COMO JESUS ACEITOU SER CONDENADO À MORTE DE CRUZ PARA FAZER A VONTADE SOBERANA DO PAI.

CONTEMPLAI COMO SOFRE POR NOSSO AMOR O FILHO DE DEUS, O REDENTOR DO MUNDO! Ó JESUS, LEIO EM VOSSOS SOFRIMENTOS A GRAVIDADE DE MEUS PECADOS! PERDOAI-ME SENHOR!

AQUELES QUE SUPORTAM COM PACIÊNCIA E PERSEVERANÇA, TRABALHOS, PERSEGUIÇÕES, DESPREZOS, POR AMOR DE DEUS, AJUDAM A JESUS A CARRREGAR A CRUZ: ESTES HÃO DE PARTICIPAR COM ELE DA GLÓRIA DO CÉU.

E PRECISO DEIXAR-SE ENVOLVER PELOS SOFRIMENTOS DE JESUS E GRAVÁ-LOS NO CORAÇÃO, PORQUE, POR ELES, CRESCE EM NÓS O AMOR DE DEUS E SOMOS MERGULHADOS NO MAR INFINITO DA DIVINDADE.

QUANTOS VIVEM ESQUECIDOS DOS SOFRIMENTOS DE JESUS!
ESTES ANDAM CONFUSOS E ERRANTES NA TREVA DO PECADO!

SE TUDO SUPORTARMOS COM A PACIÊNCIA DE CRISTO, COMEÇAREMOS A SER SEUS DISCÍPULOS. PROSSIGAMOS, POIS NESTE CAMINHO, SEGUINDO A JESUS ATÉ O CALVÁRIO.

JESUS MORREU PARA NOS DAR A VIDA. AS CRIATURAS TODAS SE LAMENTAM E SOFREM: O SOL SE ESCURECE, TREME A TERRA, PARTEM-SE AS ROCHAS, RASGA-SE O VEU DO TEMPO. NOSSO CORAÇÃO PERMANECERIA INSENSÍVEL?

CONTEMPLAR A JESUS SOFREDOR É O CAMINHO MAIS SEGURO PARA A SALVAÇÃO. O CRUCIFIXO É O LIVRO ONDE SE ENCONTRA TUDO. AI SE APRENDEM TODAS AS VIRTUDES DOS SANTOS.

"DEUS CASTIGA OS BONS QUANDO NÃO LUTAM CONTRA O ERRO"

UM DIA SEM FIM

Santa Mariana é uma aldeia tão pequena que nem constava no mapa da velha Europa. Não chegava a ter vinte casas de camponeses rudes, mas fervorosos católicos.

O convento, ainda não construído de todo, era o centro da vida da vilinha. Mas foi a ela que Deus Senhor Nosso escolheu para atestar sua misericórdia e realizar um extraordinário milagre, motivo pelo qual ficamos sabendo que existiu outrora uma aldeia chamada Santa Mariana. Esse milagre maravilhoso foi assim:

O Jovem frade Francisco estava meio pensativo e recolhido do nunca. Desde que o superior da casa, o Revmo. Frei Benedictos dissera há alguns dias a respeito da felicidade de que a alma goza no paraíso junto a Deus, junto a Maria Santíssima, em companhia dos Anjos e Santos, em companhia do Seráfico Pai São Francisco, descrevendo as grandezas e magnificências celestes sem fim; desde então, o Jovem Frade só nisso pensava, só nisso meditava, só disso cogitava. Tinha até sonhado já por várias noites seguidas, tendo visto coisas que palavra alguma daria exata idéia, nem de longe.

E é por isso que ele andava pensativo, recolhido. Seu desejo do paraíso aumentava de dia em dia, de hora em hora. Seu coração batia mais depressa. Só em pensar no dia em que chegasse ao céu, e ser recebido pela corte celestial. Ah, que dia, que dia!!

Naquela manhã, quando o radiante sol despontava no horizonte atrás dos montes, preparava-se ele para a celebração da Santa Missa. Pensava, rezava, se preparava para o augusto sacrifício.

- "Hoje é dia quinze de agosto, dia da gloriosa Assunção da Virgem Maria Senhora Nossa. A Santa Missa é em sua honra. O minha Mãe Caríssima, aceitai este Santo Sacrifício que eu, indigno filho vosso e escravo, vou celebrar para Vós ..."

Começa o Santo Sacrifício no altar. O irmão sacristão, Mauro, piedosamente o ajuda.

- In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Amén. Ad introitum ad altare Dei.

- Ad Deum qui laetificat juventutem meam.

- ... "entrarei ao altar de Deus. Ao Deus que é a alegria da minha juventude ..."

Já os primeiros e brilhantes raios de sol matinal filtravam através dos vitrais multi-coloridos e vinham espargir-se sobre o linho do altar, causando uma sensação de nostalgia das coisas Divina, um desejo das coisas belas e santas. Como tudo ajudava o recolhimento, como tudo chamava à meditação, como tudo dava alefria e paz!

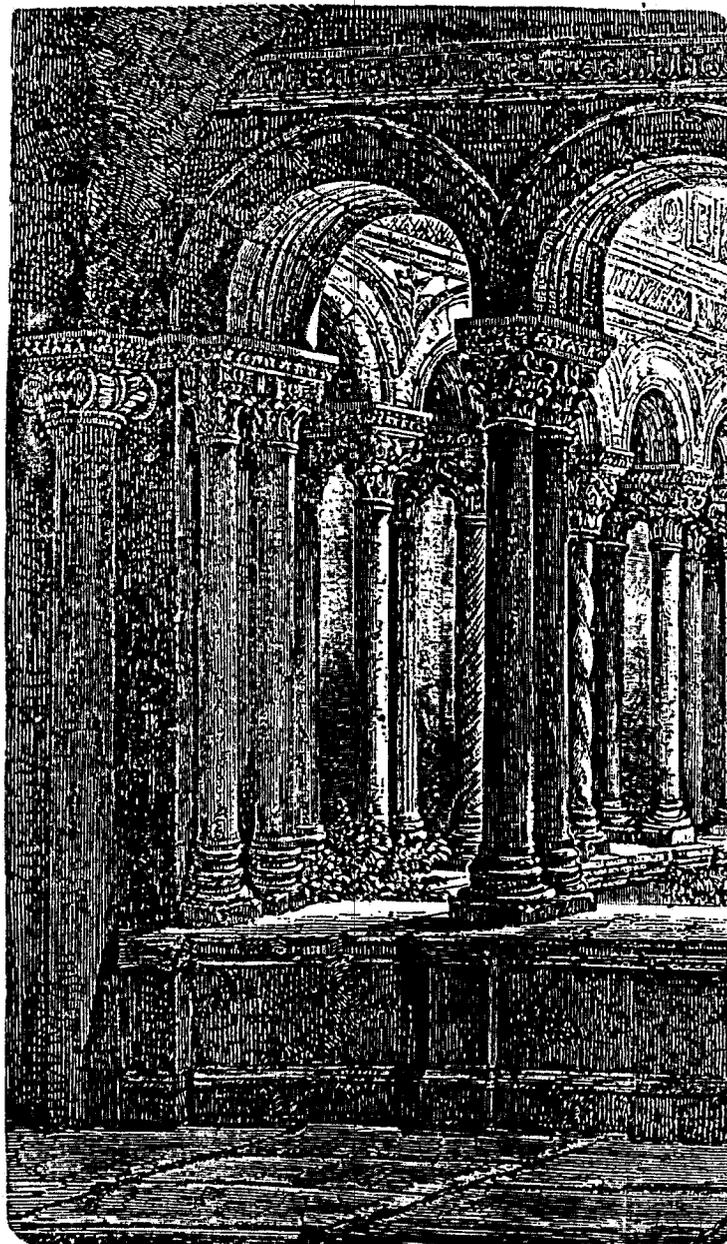
- Dominus Vobiscum.
- Et cum Spiritu tuo.
- Ite, Missa est.
- Deo gratias.

Terminara o Santo Sacrifício da Missa. Ainda se sentia por toda a capela o suave odor do incenso.

O Jovem Frade, recolhido e ciciando orações de ações de graças, dirigiu-se a sacristia, a fim de se despojar dos paramentos litúrgicos. Logo depois seguiu para o coro da capela continuar suas orações. Ajoelhou-se no genoflexório e, rosto entre as mãos, rezava:

- "Minha Mãe e Soberana Senhora Minha, fazei a ação de graças por mim, louvai ao Senhor e benedizei-o por mim, pois que sozinho nada sei fazer

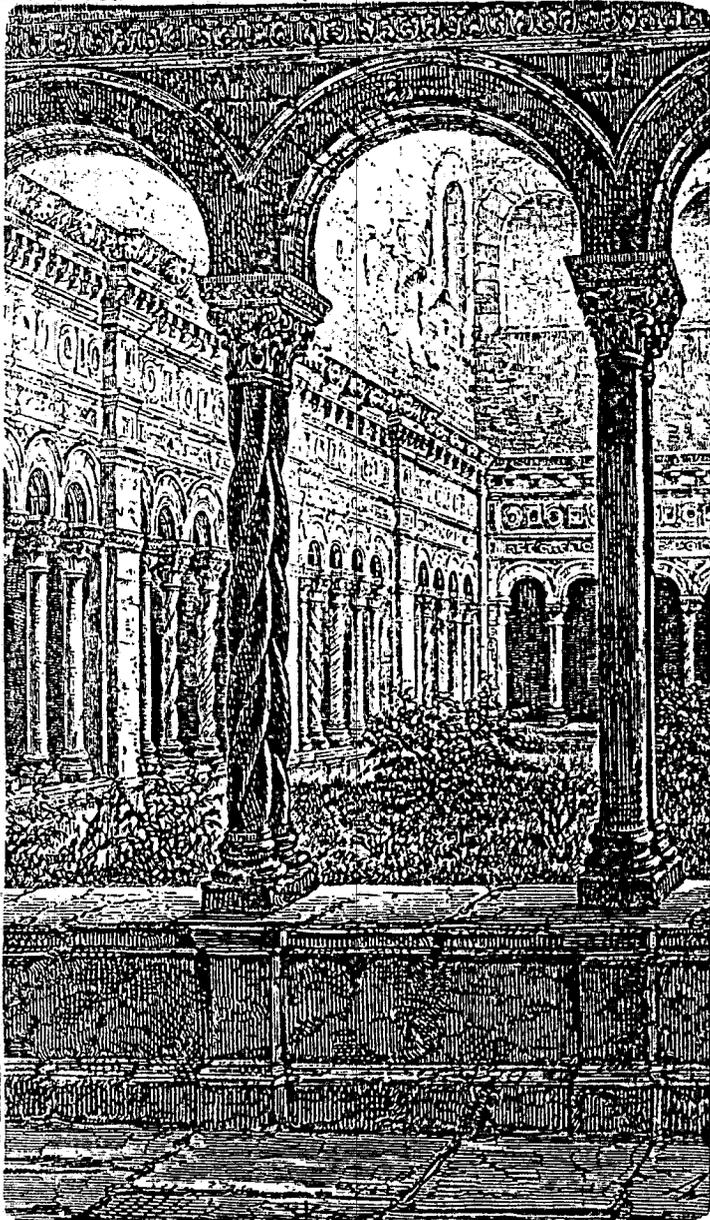
direito, nem perfeito. Sem o Vosso auxílio estou perdido, Boa Mãe. Enquanto isso, ó Minha Rainha, meditarei na morada dos eleitos: o céu. Oh! o céu: ... O céu! ... Ah, um dia irei louvar a Deus face a face, apesar de minha indignidade... Estarei junto de Nossa Senhora, dos Querubins e Serafins, junto do Pai Seráfico São Francisco. Que companhia, ó céus, que companhia! O perfume odorosíssimo do paraíso: que sensação maravilhosa! ... O céu é o fim de todos os sofrimentos, das angústias, da sede, da fome, da dor... Não há doença, nem suor, é o fim de todo o trabalho... Todos os sacrifícios aqui feitos lá serão eternamente recompensados, benditos, louvados... Todas as boas obras serão centuplicadamente premiadas... Ah, nada ficará sem sua justa recompensa: as orações, comunhões, a obediência, a pureza, a justiça, os jejuns, as renúncias... Ó meu Deus, felicidade para sempre! Para sempre!! ... Mergulhado nesse mar de felicidade eterna... para sempre! Por dez, cem, milhões de séculos sem fim... sem fim... Sem fim?! ... Sem... fim?! ... Será... mesmo?! ... Depois de milhares de séculos... e depois?! Continuará igual?! ... Mas... mas nunca tinha pensado nisso... Eu... não, não sei ..."



"NOSSA SENHORA É MAIS MÃE DO QUE RAINHA, NÃO ESQUECE UM SEGUNDO DOS SEUS FILHOS POR MENORES QUE SEJAM" (SANTA TEREZINHA)

Nesse instante, uma negra dúvida veio obscurecer a alma do Jovem Frade, antes tão cheia de luz e de consolação. E da dúvida ele deslisou para o lamento, deste para o desânimo, daí para...

- "Então a felicidade do céu terminará?! Tudo se tornará monótono, aborrecido, cansado? E depois disso uma eternidade de frustrações?!... Ó, não, meu Deus! Não é possível!... E se for assim, para que me sacrificar, rezar, chorar meus pecados?!... Para que ficar aqui no convento, fechado, feito prisioneiro? De que valem as comunhões, as confissões, o terço, os jejuns?!... Não, não é possível que isso tudo seja verdade... Mas, ficar no céu, sempre no mesmo lugar, ter as mesmas companhias, as mesmas músicas, o mesmo perfume, a mesma beleza... afinal, afinal, acho... acho que... que cansa!! Ó minha Mãe, ajudai-me, esclarecei-me! Será então que os mundanos têm razão de zombarem de nós a toda hora? Será que, então... a vida licenciosa, cheia de louca liberdade dos amigos do mundo e... da carne é acertada?! Os divertimentos todos, os passeios a vontade, sem a mínima preocupação com Deus, com os mandamentos, com as virtudes, COM A RELIGIÃO... Então eles TERIAM RAZÃO?!... Ó meu Deus, Senhor Deus dos exércitos, Ajudai este pobre pecador tentado nesse horrível pensamento! Ó minha Mãe, Maria Ssma., socorrei-me, combatei contra mim!! São Miguel Anjo, vinde-me auxiliar-me! Ó meu anjo da guarda, não que eu consinta nessa tentação que vejo que é diabólica!



O JOVEM FRADE suave, suave de angústia, torcia as mãos de aflição. Sentia tremor em todo o corpo, devido a vidência da tentação. Ah, ele que entrara na oração tão cheio de consolo, agora...

Foi então nesse instante que aconteceu.

Um pequeno pássaro começou a cantar na janelinha do coro. O JOVEM FRADE, que nunca se distraía em oração, ou nunca desviava sua atenção, durante a meditação, porém, atraído pelo maravilhoso cântico da avezinha, olhou em sua direção.

- Oh, é um rouxinol. E... e como canta! Que som agradável! Vou vê-lo e ouvi-lo de perto. O avezinha de Deus, como é simples e, no entanto, como canta bem! Assim, assim... Cante mais, isso! Não me cansaria de ouvi-lo, nem que o escutasse o dia inteiro, a vida inteira... Oh, fugiu para o pátio. Não vou perdê-lo de vista. Vou atrás dele. Ah, ali está. Isso, cante mais, cante. Deus é glorificado por essa criaturinha tão simples por meio desse concertozinho... Para isso foi criado. Oh, não fuja, passarinho, não fuja... fugiu. Vou atrás... Ah, naquela árvore. Ah, lá está. O avezinha, se o escutasse por cem ou quinhentos anos eu não me cansaria, tão bonito é seu cântico... Oh, fugiu de novo. Não posso perdê-lo de vista. Vou apressar-me... tenho que correr... Que remédio...

Assim, esquecido de suas orações, foi ele sendo arrastado pelos lindos cânticos do rouxinol, tão encantado estava. De árvore em árvore, de bosque em bosque, atravessando riachos e espinheiros e capinzais, sempre atrás da avezinha, foi se afastando do convento. Já aquela atraente perseguição durava um bom tempo, o frade perdeu-o de vista.

- Onde foi agora? Escuto-o, mas não o vejo... Deve estar ali... Não, não está. Acolá... Também não. O cântico diminui... diminui... sumiu. Agora não o ouso mais. Ah, que pena! Eu gostei tanto... Mas, que faço aqui?! Céus, esqueci que sou frade e que meu lugar é no convento e, estou fora e longe dele. Penso que estive, ou melhor, estou fora há várias horas talvez. Devo apressar-me em voltar para os meus deveres... e, depois, acusar-me desta falta contra a regra... Mas, por onde vim mesmo?! Não mais me lembro do caminho. Deve ser por aqui... Não. Então, é por aqui... Também, não. Não compreendo. Ah, é por aqui. Muito estranho, parece tudo diferente. Acho... acho que estou sonhando. Confio em meu Anjo e vou por aqui mesmo. Ah, agora sim, mas... que estranho, estranho mesmo. É este o bosque, quero dizer, era bosque, agora é um descampado... É este o riacho, quero dizer, era riacho, pois agora é um rio... Nunca vi coisa tão esquisita. Se não me engano ali, bem ali adiante é o meu convento: Sim, é... mas... céus! Que aconteceu? Tão diferente, em questão de algumas horas...

O frade, perplexo, chegou até o convento, agora já totalmente construído e... enegrecido pelo tempo?

- Há algumas horas nem havia muro. Agora, ora essa, há muro e o convento já envelhecido? Que caso simplesmente estranho. Será que?

Um pensamento lhe perpassou pela mente, mas, mas deixou-o de lado: seria demais. Talvez o irmão porteiro, Frei Luis, pudesse dar algumas explicações concretas. Bateu a porta, que há pouco não havia. A portinhola do portão se abriu e apareceu um rosto desconhecido.

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

- Para sempre seja louvado. Pois não, Revmo Frei, em que lhe posso ser útil?

- Mas, onde está o irmão Luis, o porteiro?

- Perdão mas que irmão Luis? Não conheço aqui ninguém com esse nome. De onde é V. Revma, por favor?

"OS NOSSOS PENSAMENTOS SEJAM GRANDES, PORQUE DELES É QUE VIRÁ O NOSSO BEM"
(SANTA TEREZA)

SANTA MATRONA

Plautila, nobre judia que vivia na Tessalônica, obrigava a todos os que lhe estavam debaixo da autoridade a professar a religião que abraçara. Matrona era uma fiel servidora do Senhor, que adorava Jesus Cristo como o Deus verdadeiro, e todos os dias acompanhava a senhora à sinagoga. Ora, quando Plautila entrava, Matrona, aproveitando-se da aglomeração, tornava, ganhava a saída e corria à igreja católica, onde, sossegadamente, dava-se às suas devoções, voltando à sinagoga no momento em que a patroa devia deixar o templo.

Um dia, foi denunciada. E Plautila, encolerizada, ordenou aos seus domésticos que a empolgassem, deitassem sobre um banco e a vergastassem.

Matrona disse:

— Senhora, eu sou cristã. Sempre obedeci tuas ordens, salvo no que diz respeito à fé. No que faltei, para que tu mandes que me açoitem? Se tu tens poder sobre meu corpo, sobre minha alma não o tens, porque somente a Deus pertence. Não temo qualquer tormento. Jesus Cristo, meu Salvador e meu Mestre, virá em meu auxilio.

Açoitada, Matrona foi trancafiada num quarto, e ali ficou presa por três dias.

Quando foram vê-la, julgando-a já morta, todos ficaram surpreendidos. Onde os sinais das chibatadas? Não os havia. E Matrona, radiante, a cantar louvores a Deus, foi novamente supliciada, desta vez com mais crueldade. Prêsa, sucedeu a mesma coisa. Então, sob golpes de porretes, era em 304, entregou a alma a Deus, dizendo em meio ao suplicio, antes de expirar:

— Senhor Jesus, Salvador imaculado, pelo qual suporto todos estes tormentos, em tuas mãos entrego minha alma. Digna-te receber-me na sociedade de teus mártires.

SANTOS HILÁRIO, e TACIANO

Hilário era de Aquilêia, e, desde a infância, educado na religião católica, deixou o mundo, atraído pelo estudo das santas Escrituras.

Diácono, depois bispo, premido pelo povo, que o desejava alçado àquela dignidade, Hilário foi pastor zeloso e sábio, prudente e piedoso.

Taciano era seu discípulo, ao qual conferira a ordem do diaconato.

Era no tempo do César Numeriano, e um edito, lançado recentemente, obrigava os cristãos a sacrificar aos ídolos.

Berônio, prefeito da cidade, instigado pelo sacerdote dos ídolos, Monofantus, ordenou que lhe trouxessem à presença Hilário e seu diácono.

Presos, o santo bispo e o diácono foram levados a Berônio, que lhes disse da necessidade que tinham de acatar as ordens do imperador.

Hilário respondeu:

— Desde a minha juventude, aprendi a sacrificar ao Senhor, ao Deus vivo, e a Jesus Cristo seu Filho, eu apresento, sem cessar, minhas adorações. Quanto aos demônios, vãos e ridículos, que chamais deuses, mas não o são, não lhes ofereço sacrificios.

Berônio, em vão, procurou convencer o santo bispo: nem palavras repassadas de doçura nem ameaças, das mais terríveis, tiveram qualquer efeito.

Conduzidos, Hilário e Taciano, diante da estátua de Hércules, no seu suntuosíssimo templo, ali o santo homem, despojado das vestes, foi cruelmente vergastado, depois estirado no cavalete.

Hilário cantava hinos ao Senhor, e Berônio, que incitava os carrascos a redobrem de crueldade, acabou por cansar-se, e ordenou que atirassem com o valoroso bispo na prisão.

Presos, o bispo e o diácono principiaram a orar, pedindo a Deus que confundisse os adoradores dos falsos deuses.

Uma densa neblina, então, desceu do céu, e pairou sobre a cidade. E um grande tumulto agitou a Aquilêia daquele remoto ano de 284. Muitos pagãos, espantados, fugiram, enquanto outros, tal o terror, morreram de medo. E o suntuosíssimo templo de Hércules, tremendo nas bases, desabou com fragor.

Ordens foram dadas, rápidas, para que Hilário e Taciano fôssem decapitados incontinenti, morrendo com eles outros cristãos que já se achavam presos: Felix, Largo e Dionísio.

SÃO RODRIGO E SÃO SALOMÃO

DE CÓRDOVA

São Rodrigo, espanhol, era natural da aldeia de Cabra. Sacerdote, tinha dois irmãos, dos quais um, como ele, era cristão. O outro, turbulento e de mau gênio, abraçara a fé muçulmana, tudo fazendo para desprestigiar a religião católica.

Um dia, Rodrigo, calado, acompanhava uma discussão entre os dois irmãos. Quando percebeu que a disputa se acendia perigosamente, estando próxima de uma explosão, achou conveniente interpor-se.

Ambos os altercadores, inflamadíssimos, lançaram-se sobre ele, maltratando-o tão duramente, que o deixaram gravemente ferido.

O irmão cristão, apavorado, deixou a casa e saiu, arrependido, a correr pelas ruas, a êsmo. O outro, o muçulmano, não contente com o sucedido, agarrou o pobre ferido, e, arrastando-o para fora, gritava para os transeuntes embasbacados:

— Eis aqui meu irmão padre! Ei-lo! Agora, esclarecido, às portas da morte, como todos vêdes, não quer deixar o mundo sem antes patentear a mudança que sofreu!

Rodrigo — milagre! — recompôs-se. Não sentia nada. Dor alguma o atormentava. Levantou-se, afastou-se e deixou todos boquiabertos.

Abandonando a casa em que vivia, foi servir a Deus noutro lugar. E, um dia, pelo próprio irmão muçulmano, foi denunciado ao câdi.

Prêso, foi enviado ao cárcere em que jazia, há tempos, um homem chamado Salomão, cristão, também aprisionado pela fé, ao qual Rodrigo se ligou por sólida amizade. E ambos, impossibilitados de serem vergados, foram mortos.

Era em 837, e os corpos, atirados a um rio, pouco depois, pelas águas mesmas, eram lançados a uma das margens.

São Rodrigo foi enterrado no mosteiro de São Genésio, e São Salomão na basílica dos santos Cosme e Damião.

- Meu irmão, sou deste convento. Onde está o irmão Luis que sabe que sou daqui? E, afinal quem é o senhor, por favor?

- Perdoe-me Revmo. Frei, mas acho que o senhor se engana, ou se enganou em algum pormenor... Eu sou o irmão Paulo, porteiro daqui há quase vinte anos.

- VV, vinte anos? Mas não é possível! Há algumas horas apenas que saí daqui para dar... para dar um passeio... e agora está tudo mudado... Mas então estarei sonhando ou... ou... céus...

Para o irmão Paulo aquele frade de barbas e cabelos brancos era maluco. Além de tudo, os olhos dele, nesse instante, começaram a brilhar de um modo estranho... Mas o irmão notara que havia algo de muito atraente e sobrenatural nele para ser maluco. De repente o frade quebrou o silêncio, bruscamente:

- Leve-me, por favor, ao Revmo. Frei Benedictus, superior do convento...

- Mas, meu frei, não há nenhum frei Benedictus aqui; O superior desta casa é frei Leão da Santa Paz.

- Ah, sei... Mas leve-me a ele, por favor. Ele pode esclarecer tudo. O senhor não compreenderia agora, mas depois sim. Talvez um grande milagre. Sim um grande milagre. Por favor, leve-me a ele.

- Está bem. Por aqui, por favor.

- "Tudo mudado: o pátio, a horta, o claustro, tudo difernete. O Minha Mãe, O Soberana Minha, um grande milagre mesmo?..."

- Espere um momentinho aqui, por favor. Vou a nunciá-lo... Permissão para falar, Revmo. Padre.

- Para a maior glória de Deus.

- Revmo Padre, há um estranho, mas atraente frade que desejaria falar com V. Revma. Ele diz ser daqui, mas nunca o vi.

- Pois não, mande-o entrar.

O frade foi conduzido ao superior.

- Permissão para falar.

- Para a maior glória de Deus. Então, caríssimo Frei em que posso ser útil?

- Gostaria de saber, Revmo. Superior, onde estaria o superior meu, que é, ou foi, não sei bem como dizer, Frei Benedictus.

- Bem, não me lembro de nenhum Frei Benedictus, afinal sou superior deste convento há trinta e sete anos.

- Trinta e sete anos? Mas...

- Sim. Mas não compreendo a razão do seu espanto. Poderia saber qual a razão?

- Sim, lógico... quero dizer... V Revma. poderia saber logo se me fizer um favor.

- Com todo o gosto. Faça então o pedido.

- Bem, V. Revma. não saiba talvez, mas sou deste convento e...

- O senhor? ...

- Sim, eu me explico já, Revmo. Padre, O meu nome está certamente no livro de presença. Por isso, gostaria que V. Revma. o procurasse... não no de hoje, mas no de 50 anos atrás.

- M-mas, mas o meu padre está brinc...

- Por favor, é sério... e muito importante.

- Está bem vejamos... Ah, aqui está o livro... bem velho, por sinal. Qual o nome, por favor?

- Frei Pedro, Frei Pedro de Quintavalle.

- Hum... hum... Paulo, Philipe, ... Lucas... hum, não há nenhum nome assim.

- Agora, por favor, o livro de 100 anos atrás.

- M-mas, é demais, assim é dem...

- Por favor, é sério, e o senhor logo compreenderá tudo.

- Vejamos... Ah, este aqui... Humm... humm... Aí está, não há nada também. Não me diga que...

- Exatamente, o de 150 anos atrás, por favor.

Este "por favor" Frei Pedro o dizia com tanta candura, com tanta simplicidade, com tanta convicção, que o superior não resistia. Sentia como quem é brigado a ceder para aquele simpático maluco... E...

E assim, foi ele examinando os livros de 200,

250 anos passados.

- Por favor, Revmo. Superior, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Sua Mãe SSma, não se alte re, só mais uma vez, pela última vez. Então... então contarei a V. Revma. uma grande maravilha... um grande milagre.

Frei Leão da Santa Paz, já suando e corado, pelas razões facilmente explicáveis, mas se contendo, como bom frade, pacientemente, resolveu atender aquele VELHO e cativante maluco, que possuía um sorriso doce e celestial.

- Depois deste livro, Frei Pedro, vamos parar com essa brincadeira, não é verdade? Pois, tenho mais coisas a fazer... e, além disso, não fica bem para nós semelhante passa-tempo.

- Não é brincadeira, não, Revmo. Superior, mas um grande...

Frei Leão começou a ler os nomes baixinho e rapidamente, sem prestar atenção no que seu interlocutor dizia.

- ... Izidoro, Norberto... Pedro, Pedro de Quint... PEDRO DE QUINTAVALE?! Aqui?! COMO?! Não é possível!!

Encantado, olhos arregalados, Frei Leão corria os olhos do livro para Frei Pedro, deste para o livro, rapidamente e repetidas vezes, e por fim, ficou boquiaberto, mudo, sem entender. Enquanto isso Frei Pedro sorria celestialmente, angelicamente, para ele.

- Por favor, Revmo. Superior, por amor de Maria Santíssima, Senhora Nossa, poderia dar-me a anotação aí feita?

- S-Sim... Lógico. Deixe-me ver: FREI PEDRO DE QUINTAVALLE DESAPARECEU MISTERIOSAMENTE: FOI VIS TO PELA ÚLTIMA VEZ NO CORO, MEDITANDO. FOI UM ÓTIMO FRADE, APESAR DE SEUS 23 ANOS DE IDADE. ANO DA GRAÇA DO NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, 15 DE AOSTO DE 1301". Hoje é... dia 15 de agosto de 1601... Mas, o que aconteceu? diga Frei Pedro, diga... Irmão Paulo! Todo o mundo venham, venham!. Maravilha! Maravilha!

- Sim, Revmo. Frade?

- Chame a todos os frades! Toque os sinos!

Frei Leão não conseguia manter-se calmo. A surpresa era demais.

Quando todos se reuniram, Frei Pedro começou a contar a sua miraculosa e extraordinária história: a meditação, a alegria do paraíso, a tentação, os socorros do Céu por meio de um passarinho (seria um Anjo vestido de rouxinol?), as andanças durante trezentos anos como se fossem algumas horas apenas.

Todos os frades, em número de 27 estavam atônitos, mudos, sem saber o que dizer. Alguns murmuravam: "Que maravilha! Que milagre! Em alguns olhos viam-se-lhes lágrimas brilharem comovidamente."

Frei Pedro aproveitou a ocasião, com a devida licença, para falar sobre a felicidade eterna do Céu, o que aumentou em todos a ansia das coisas celestes, com as consequentes repulsas das coisas do mundo. Depois, pediu permissão para ir continuar as ações de graças (!!) que ele tinha interrompido de modo tão maravilhoso há... há 300 anos.

Em procissão, todos acompanharam até ao coro a Frei Pedro, em torno de quem se ajoelharam cheios de admiração e reverência.

Alguns instantes depois a gloriosa e bendita alma de Frei Pedro voava para a morada dos eleitos a qual tanto e tanto almejava. Diante de Frei Pedro se abriu um panorama e um horizonte feitos de luz e de ouro.

Durante muito tempo esse maravilhoso acontecimento correu de boca em boca, de aldeia em aldeia, pela Europa toda, e chegou até nós.

(BASEADO NO CONTO DO PADRE MANUEL BERNARDES NO LIVRO "PÁGINAS ESCOLHIDAS" SOB O TÍTULO DE "O MONGE DE TREZENTOS ANOS")

DROGAS NAS ESCOLAS

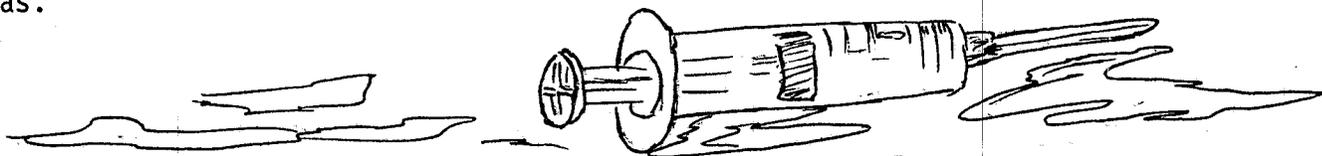
Os amigos íntimos, em primeiro lugar, o pipoqueiro e o vendedor de guloseimas são os principais responsáveis pela distribuição de drogas entre os estudantes de São Paulo. Utilizando-se destes meios e de múltiplos e sofisticados artifícios para difundir os entorpecentes, os traficantes conseguiram atingir 10% dos jovens que cursam o 1º e 2º graus, declarou o Major PM Edson Ferrarini, em conferência promovida pela Secretária de Educação para diretores e professores de estabelecimentos de Ensino da Grande São Paulo.

Entretanto, a pesquisa em que se fundamentou aquela autoridade ao pronunciar sua conferência foi realizada em 1976, sendo presumível que o número de drogados entre os escolares tenha aumentado sensivelmente em nossos dias. No ano de 1976, a predominância de viciados era do sexo masculino. Hoje, devido ao grande número de fumantes do sexo feminino, supõe-se que as drogas tenham grande circulação também entre mocinhas.

Segundo o Major PM Ferrarini, todo viciado tende a tornar-se um distribuidor de drogas. Seu primeiro cigarro de maconha é gratuito, o segundo vendido, e, mais tarde, passará a oferecer a iníqua mercadoria a seus colegas, em troca de recompensa em espécie. Já em 1976, calculava-se que 80% dos novos drogados eram iniciados no vício por seus amigos íntimos. É fora de dúvida que a entrada em cena do elemento feminino utilizado para induzir ao consumo de drogas aumenta a difusão dos tóxicos.

Assim, "inofensivos" pipoqueiros e vendedores de guloseimas, íntimos amigos e sorridentes mocinhas tornam-se os transmissores do vício - verdadeiro câncer - que corrói boa parte da nossa juventude.

Mas a rampa do vício apresenta profundidades cada vez maiores: primeiro consumidor; depois o distribuidor; o viciado irá cada vez mais se aproximando do crime. (Agência Boa Imprensa)



O DESBRAVADOR

ORGÃO ESTUDANTIL INDEPENDENTE

DIRETOR :

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:

ANSELMO LAZARO BRANCO

SUPERVISÃO GERAL:

CARLOS AUGUSTO VIEIRA

PAGINAÇÃO:

MIHAILO MILAN ZLATKOVIĆ

REDAÇÃO:

CHEFIA:

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO

REDADORES:

SÁVIO FERNANDES BEZERRA

MAURO TAKESHI ENDO

SÉRGIO BORGES F. MOLINARI

PAULO ROBERTO N. GONÇALVES

AJUDANTE DE MONTAGEM:

JOÃO BOSCO DE CASTRO

EXPEDIÇÃO:

CHEFIA:

WALMIR DE CASTRO

AJUDANTES:

OSMAR CIRILLO DA SILVA

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS

LAURINDO GONÇALVES

MARIA DO CARMO RUFINO

COMPOSIÇÃO:

ESTÚDIO "FRÁ ANGÉLICO"

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

RUA BENJAMIM DE OLIVEIRA, 57

03006 - BRÁS - SÃO PAULO - SP

"POR PEQUENAS BRECHAS O DEMÔNIO FAZ GRANDES ESTRAGOS"
(SANTA TEREZA)



SONHO

Noite alta. O céu repleto de estrelas, a lua cheia, ostentando toda a sua majestade. E a minha hora de fazer vigia no acampamento. Pego meu terço e me ponho a rezar. Entro nas matas e sinto a sinfonia dos grilos tocando numa harmonia sem igual. Os vagalumes acendem e apagam tornando a mata mais encantadora. Chego a uma clareira e sento num tronco, termino o terço e começo a refletir: "toda essa beleza foi feita por Deus e, no entanto, essa beleza é nada comparada com aquela de uma alma que vive na amizade com Deus. É ainda menos em comparação da grandeza dos santos e imensamente menos com A de Maria Santíssima.

Foi para Ela, Nossa Senhora, que então meu pensamento se dirigiu. Para Suas Glórias voltei e comecei a considerar que coisas grandes fizeram os santos para Ela. Veio à minha imaginação nesse instante a figura de São João, o Apóstolo, que teve a ventura de ser o protetor de Maria. Foi para Ela um filho, que procurou suprir a ausência impossível de ser suprida, de Jesus. São João cuidou de Nossa Senhora agindo como seu filho... Mas eu não a tratei, tantas vezes como Mãe, pois vejo que meus pecados transpassam Seu Coração. Um filho não ofende a mãe.

Mudei o pensamento, e veio a minha cabeça São Bernardo. Parece que o vi a compor orações em louvor a Nossa Senhora, cheias de fervor e amor. Lembrei-me da Salve Rainha cujas últimas palavras este santo compôs: Ó Clemente, Ó Piedosa, Ó Doce Sempre Virgem Maria. Que palavras de amor e que amor tinha São Bernardo por Maria... E eu quanto a odiei com meus pecados. Senhora não permitais que eu volte a vos ofender, pois o mesmo santo diz que sois o fundamento de Nossa esperança e não me desatendais porque - como diz o mes-

mo santo - nunca se ouviu dizer que alguém que a Vós houvesse recorrido, fosse desamparado.

Distraí-me e voei no tempo. Pareceu-me ver um frade de hábito branco e capa negra, de sandálias, com um rosário na mão a ensinar às multidões a rezá-lo: era São Domingos que cumpria o que Nossa Senhora lhe ordenara ou seja que pregasse o Seu Rosário... E eu, quantas noites me deitei sem ter rezado o terço, quantos dias passei sem dizer uma só vez a Ave-Maria...

Novamente a cena mudou e vi então um ancião, semi corcunda, a escrever um livro com uma pena na mão. Aprofundei o olhar e vi então o título do livro: Glórias de Maria. O autor era Santo Afonso Maria de Ligório que compunha um livro para exaltar a Maria Santíssima, para engrandecê-la, para fazê-la a mada e servida dos homens... E eu, bem eu tenho muitas vezes vergonha de dizer aos outros que sou filho de Maria e que Ela é minha Mãe.

A minha vigia estava para terminar quando vi outra cena: um pátio cheio de meninos alegres a brincar. Alegres porque estavam longe do pecado e mais alegres pelo fato de estarem perto de Nossa Senhora. E nessa cena eu vi junto dos meninos um padre sorridente e jovial a apontar a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora. Era São João Bosco que lhes ensinava a amar tão Boa Mãe. E eu será que já ensinei alguém a amar Nossa Senhora???

A guarda terminou mas o meu sonhar continuou e eu "sonhei" então com o futuro e vi uma multidão incomparável de moços e moças, dentro de uma Imensa e Maravilhosa Catedral. Todos estavam diante de uma imagem da Virgem a rezar a Ela com fervor.

Todos estes jovens procuravam imitar os santos em suas virtudes e em seu amor à Mãe de Deus. Todos rezavam a saudação angélica: a Ave-Maria. Que espetáculo belo e maravilhoso: jovens de todas as partes do mundo verdadeiros devotos de Nossa Rainha. Que "sonho" — lindo e ao mesmo tempo que tristeza pois tudo

era apenas fruto de minha imaginação- hoje quase não há mais jovens assim.

Mas, que esperança saber que um dia haverá jovens assim. Que alegria esperar pela realização de meu "sonho". E fiquem os leitores sabendo que no meu "sonho" havia vários leitores de "O Desbravador".



PEDINDO AJUDA

Sim voltamos a recorrer à sua bondade. Quando começamos a fazer "O Desbravador" era mínimo o número de nossos leitores. Hoje este número cresceu. Além disso aumentou o número de folhas de nossa publicação. Tudo isso sem se falar no aumento de correio (era de um cruzeiro e dez centavos o preço da remessa do exemplar e hoje é de três cruzeiros), papel, envelopes etc.

Como já dissemos uma vez "O Desbravador" continuará a ser gratuito. Isso não impede, entretanto, que você, amável leitor, nos ajude para continuarmos com essa obra que se destina também a você. Ajude-nos, pois. Mande seu auxílio. Gratos. Que Nossa Senhora os re-compense.

"AS GRANDES FRUSTRAÇÕES DA VIDA SE DÃO NO MOMENTO EM QUE O HOMEM PERCEBE QUE ELE NÃO É COMO DEVERIA SER"
(STO. AGOSTINHO)

A Paixão de Cristo

As festas litúrgicas da Santa Igreja abrem para os fiéis os tesouros da misericórdia divina, pois nelas há uma enorme efusão de graças segundo o mistério da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora ou dos Santos, que se celebra.

Nesta semana, considerada Santa entre todas, comemora-se o mistério dos mistérios, a morte ignominiosa que o Filho de Deus quis sofrer para abrir ao gênero humano as portas do céu. Qual a graça especial que devemos visar alcançar em nossos atos de piedade? Um sermão de São Bernardo nos esclarece nesse sentido ("Obras completas de San Bernardo", BAC, Vol. I pág. 996).

A Paixão foi um prodígio do Amor de Deus. Querendo recuperar esta nobre criatura que é o homem — observa o grande Doutor da Igreja — Deus só podia dispor as coisas de modo a que o homem voltasse a Ele por um movimento próprio, livre e espontâneo. Pois se obrigasse pela força o homem deixaria de ser um ente dotado de livre arbítrio e se identificaria com o animal bruto.

Assim, por meio dos profetas, fez ver às suas criaturas os tormentos eternos a que estariam sujeitos na eternidade, se não se convertesse. "Ameaçou com as trevas eternas mais terríveis que se possa imaginar, com vermes imortais, com um fogo inextinguível".

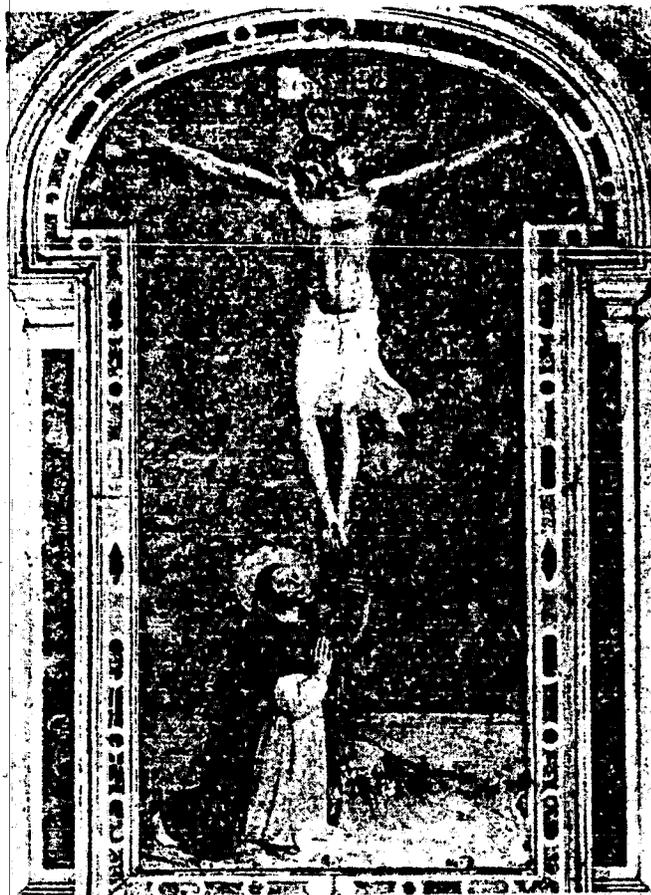
Mas, como não alcançasse atrair os homens apenas pela via do temor, a Providência acenou com as bem aventuranças eternas, com aquelas coisas que são sumamente apetecíveis: a vida, vida feliz e para sempre. Considerando que as pessoas são tão apegadas a esta vida miserável e momentânea, muito mais ainda haveriam de desejar a vida repousada, eterna e bem-aventurada. Deus prometeu então, para quem fosse fiel, a vida eterna, aquela vida que olho algum jamais viu, nem ouvido jamais ouviu, nem jamais imaginou o coração do homem.

Vendo, porém, que nem o temor das penas, nem o desejo da bem-aventurança moviam os homens, o Todo-Poderoso resolveu lançar mão de um último recurso para que suas criaturas retornassem a Ele livremente: o Amor.

"Assumi, pois, nossa natureza e tão amável se mostrou, que usou para conosco aquela caridade que ninguém pode ter maior: deu a vida por nós".

E São Bernardo pondera que aquele que foi tão acelerado que nem com isso se converte, haverá de ouvir esta queixa tão veraz quanto amarga: "Que outra coisa devia fazer por ti, que não tenha feito?" (Is. V, 4).

Ai dos que, segundo a expressão de São Paulo, "crucificam novamente a Jesus Cristo" (Heb. VI, 6). Que se lembrem das palavras do mesmo Apóstolo, na Epístola dos Hebreus: "Quanto maiores tormentos merece o que tiver calçado aos pés o Filho de Deus, e tiver considerado como profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e tiver ultrajado o Autor da graça? Porque nós sabemos quem é o que disse: "A mim pertence a vingança e eu saberei fazê-la". E outra vez: "O Senhor



São Domingos adorando o Crucifixo — Afresco de Fra Angelico, no convento de São Marcos em Florença (sec. XV).

Julgárá seu povo. É coisa horrenda cair nas mãos de Deus vivo" (Heb. X, 29-31).

FONTE DE MISERICÓRDIA

Mas esta é a ocasião por excelência de considerarmos o Sacrifício de nosso Redentor, que abriu para nós uma fonte infinita de misericórdia. Tiremos "com gosto águas das fontes do Salvador" (Is. XII, 3), e nossas almas sairão cheias de vida, puras, radiantes de uma beleza celeste. Não restará em nós traço algum das antigas manchas, se quisermos realmente tirar proveito espiritual das graças da Semana Santa.

Focalizemos, à guisa de exemplo, algumas circunstâncias da Paixão, que, parece-nos, devem reter especialmente nossa atenção.

Primeiramente, a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo no alto da Cruz. As três horas da tarde, segundo a tradição, Ele pronunciou o "consumátum est", e sua alma santíssima separou-se de seu corpo sagrado. O sol se obscureceu, a terra tremeu, o véu do templo se rasgou e se abriram as sepulturas dos justos que começaram a andar pelas ruas de Jerusalém, recriminando os responsáveis pelo delírio. Mas ao mesmo tempo em que a cólera de Deus estalava sobre a terra, consumava-se a Redenção e abria-se para nós a fonte de todas as graças.

Outra cena marcante da Sexta-feira Santa é a perfuração do Coração de Jesus pela lança de Longinus. O próprio símbolo do amor é atingido pelo furor dos perseguidores. Embora se atribua a esse gesto a intenção de evitar uma agonia prolongada — uma certa eutanásia — foi o ódio dos inimigos que O colocou na condição de receber um ferimento "até em seu Coração sagrado. Jorraram assim as últimas gotas de sangue misturadas com água, indicando o extremo de misericórdia, bondade, condescendência para conosco.

Cena pungente entre todas é a de Nosso Senhor exangue, deitado no colo de Sua Mãe Santíssima. É a imagem conhecidíssima de Nossa Senhora da Piedade, representando a dor incensurável que Ela sentiu pelos padecimentos de seu divino Filho.

Podemos lembrar ainda o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo no sepulcro, livido, completamente isolado, e a Soledade de Nossa Senhora. Aquela solidão na qual Ela ficou desde a morte de Jesus até a Ressurreição.

GRAÇAS A PEDIR

Em função de cada um desses aspectos da Paixão, que graça pedir? Diante de Nosso Senhor expirando na cruz devemos suplicar a conversão de nossas almas, uma graça fulgurante que represente uma grande ascensão na vida espiritual. Em vir-

tude do pecado original, nossas más inclinações e pecados atuais, continuamente opomos resistência à graça de Deus.

O caminho para a santidade se faz assim através de conversões sucessivas. E podemos nutrir um justo receio de que nossa maldade impeça a conversão interior. Mas, à vista de um sacrifício que foi até à morte, de uma misericórdia obtida pela efusão de um sangue que não tem preço, podemos pedir e esperar essa graça das graças. Que pela intercessão de Nossa Senhora, Nosso Senhor arrombe as portas de nossas almas que ainda estejam fechadas para Ele, e nos transforme completamente.

A vocação de cada um de nós é o coração de nossa vida espiritual. Face a Nosso Senhor com o Coração chagado, devemos suplicar que Ele tenha pena dos católicos de hoje em dia que lutam com ingentes dificuldades para se manterem fiéis à vocação de apóstolos do século XX. Que Ele auxilie com misericórdia superabundante os que trabalham para sua santificação pessoal, como também conduza com segurança para o Barco de Pedro todos aqueles que, nas águas revoltadas do mundo, caminham para Ela.

O espetáculo pungente de Nosso Senhor morto deitado no colo de Nossa Senhora, deve nutrir em nossas almas uma suma condolência. Em primeiro lugar, peçamos a graça de termos o senso da Paixão. Muita gente há que medita — quão mais numerosos são os que nem meditam! — a Paixão de Cristo como algo antigo, um fato do passado que nada tem a ver com esta pessoa. Pelo contrário, "christianus alter Christus". Todo cristão deve ser uma reprodução viva de Cristo. De modo tal que as chagas d'Ele estejam cravadas em nossas almas. Que nossas dores sejam as dores d'Ele. Que tenhamos continuamente diante de nós a Paixão de Cristo, eis a graça a alcançar.

Este ponto nos ensina também a pensar na Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Como frisou Paulo VI, Ela sofre hoje um processo de autodemolição. "A fumaça de Satanás penetrou pelas frestas do templo sagrado"... Filhas da Santa Igreja, não podemos permanecer indiferentes às suas dores.

Diante de Cristo no sepulcro; livido, abandonado, devemos nos lembrar da Ressurreição. Cristo morreu, mas ressuscitou. Quanto à Santa Igreja, Ela é imortal. Em muitas ocasiões na História, Ela até parece ter morrido. Mas ressurgiu sempre de suas derrotas e humilhações, esplendidamente vitoriosa! Cada provação que atravessa representa um acréscimo de glória. Quanto ao nosso século, Nossa Senhora prometeu uma insigne vitória da Igreja sobre seus adversários internos e externos. Ela sofrerá perseguições... mas, depois de uma terrível purificação, estabelecer-se-á na terra o Reino de Seu Imaculado Coração. "Por fim, meu Imaculado Coração triunfará", prometeu a Virgem em Fátima, supliquemos a graça de que isto se realize ainda em nossos dias. Que tenhamos a graça de ver o Reino de Maria, de ver a aniquilação do comunismo, a conversão da Rússia, e a inauguração, na terra, de uma era marial. Assim seja.